

Inquérito à Educação e Formação de Adultos

2011

46% das pessoas dos 18 aos 69 anos participaram em algum tipo de educação ou formação em 2011

Aproximadamente metade da população com idade entre 18 e 69 anos (45,9%) participou em alguma atividade de aprendizagem ao longo da vida (educação formal ou educação não formal) em 2011. Jovens e população mais escolarizada apresentam níveis de participação mais elevados.

Face a 2007, e no âmbito etário comparável, dos 18 aos 64 anos, registou-se um aumento na participação em aprendizagem ao longo da vida de 17,9 p.p., devido sobretudo ao aumento observado na componente da educação não formal.

Aproximadamente Metade da População Adulta Participou em Aprendizagem ao Longo da Vida em 2011

Das pessoas com idade entre 18 e 69 anos, 45,9% participaram em educação formal (ministrada em instituições de educação, conducente a um nível de escolaridade) ou em educação não formal (atividade organizada de formação, profissional ou outra, numa dada área de competências, mas que não equivale a um nível de escolaridade); é o que se convencionou designar por aprendizagem ao longo da vida. A participação em educação formal foi de 15,4% e em educação não formal foi de 39,2%.

Estes são os principais resultados do segundo Inquérito à Educação e Formação de Adultos (IEFA), realizado em 2011, e que observa a participação da população residente em Portugal, com idade entre 18 e 69 anos¹, em atividades de educação, formação e aprendizagem. Os últimos 12 meses prévios à entrevista constituem a referência temporal do IEFA, genericamente considerada nesta apresentação de resultados como o ano de 2011.

As regiões Centro (47,5%), Lisboa (46,6%) e Algarve (48,3%) registaram em 2011 níveis de participação em atividades de aprendizagem ao longo da vida acima da média nacional. No conjunto das regiões, o Centro destaca-se também na participação em educação formal (16,9%) e em educação não formal (40,4%).

QUADRO 1

PARTICIPAÇÃO EM APRENDIZAGEM AO LONGO DA VIDA, EDUCAÇÃO FORMAL E NÃO FORMAL, POR LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA (NUTS II) (%)

	Aprendizagem ao longo da vida (educação formal ou não formal)	Educação formal	Educação não formal
Portugal	45,9	15,4	39,2
Norte	45,9	15,2	40,0
Centro	47,5	16,9	40,4
Lisboa	46,6	15,5	39,2
Alentejo	42,6	14,7	35,0
Algarve	48,3	15,0	40,8
R. A. Açores	33,1	11,4	24,2
R. A. Madeira	42,3	10,9	38,3

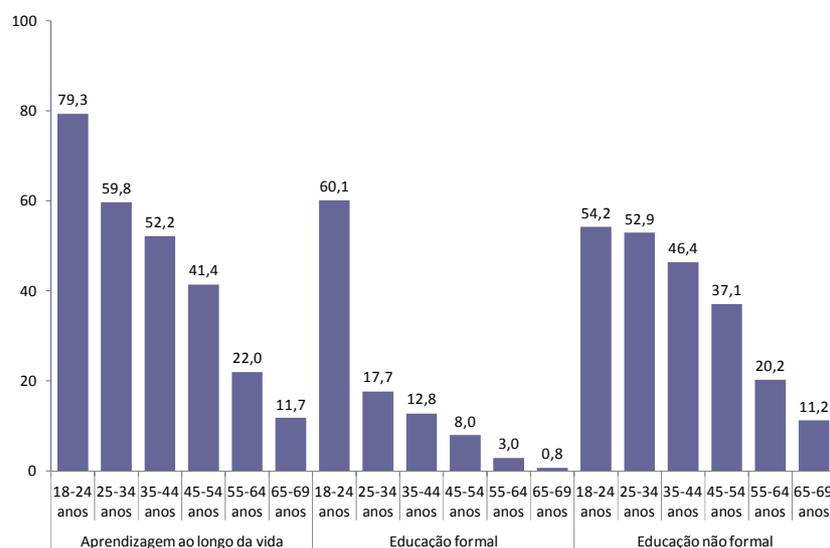
¹ Face à operação de 2007, o IEFA 2011 alargou o âmbito etário de inquirição à população dos 65 aos 69 anos. Em 2007 foi inquirida a população com idade entre 18 e 64 anos.

População jovem e mais escolarizada é mais participativa em educação e formação

A participação em algum tipo de educação ou formação diminui com a idade. Porém, a clivagem geracional é diferenciada consoante o tipo de atividades em causa. A população com idade entre 18 e 24 anos, idade típica de frequência da escola, é preponderante na educação formal (60,1%). Os níveis de participação em educação não formal são mais equitativos nos três primeiros escalões etários: 54,2% para as pessoas dos 18 aos 24 anos; 52,9% para as que têm idade entre 25 e 34 anos e 46,4% para as que têm entre 35 e 44 anos.

GRÁFICO 1

PARTICIPAÇÃO EM APRENDIZAGEM AO LONGO DA VIDA, EDUCAÇÃO FORMAL E NÃO FORMAL, POR GRUPO ETÁRIO (%)



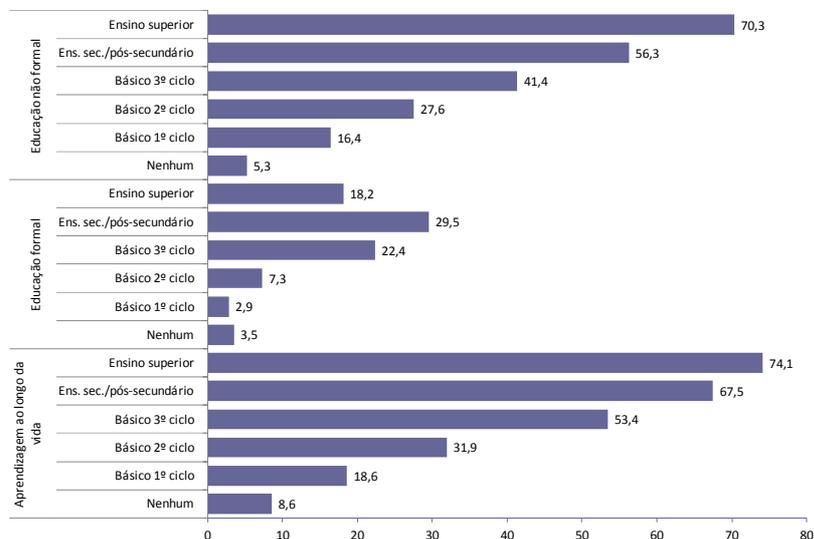
Mulheres e homens registaram níveis de participação muito próximos, quer em aprendizagem ao longo da vida, quer nas componentes da educação formal e não formal, embora se observe um ligeiro predomínio das mulheres.

Aproximadamente três quartos (74,1%) da população com ensino superior participaram em aprendizagem ao longo da vida em 2011, o que compara com 8,6% da população que não tem qualquer nível de escolaridade completa. Os resultados evidenciam, genericamente, que a participação em aprendizagem ao longo da vida, assim como em cada uma das suas componentes – educação formal e educação não formal – variam na razão direta da escolaridade. Excetua-se a educação formal, em relação à qual decorre intrinsecamente uma maior proporção de participantes com escolaridade de nível secundário/pós-secundário (29,5%).

A participação em atividades de educação não formal passa de 5,3% para a população sem qualquer nível de escolaridade completo, aumentando consistentemente até abranger 70,3% da população com ensino superior.

GRÁFICO 2

PARTICIPAÇÃO EM APRENDIZAGEM AO LONGO DA VIDA, EDUCAÇÃO FORMAL E NÃO FORMAL, POR NÍVEL DE ESCOLARIDADE (%)

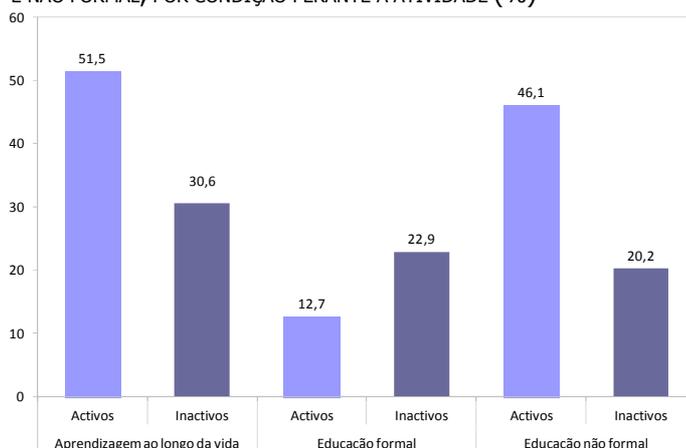


Mais de metade da população ativa participou em aprendizagem ao longo da vida

Mais de metade da população ativa (51,5%) participou em algum tipo de atividade de aprendizagem ao longo da vida em 2011, proporção particularmente suportada pela população empregada (54,2%, face a 40,3% da população desempregada). Para o conjunto da população inativa, essa proporção foi de aproximadamente um terço (30,6%), onde se destacam as/os estudantes (99,6%).

GRÁFICO 3

PARTICIPAÇÃO EM APRENDIZAGEM AO LONGO DA VIDA, EDUCAÇÃO FORMAL E NÃO FORMAL, POR CONDIÇÃO PERANTE A ATIVIDADE (%)



A análise mais detalhada da participação em educação formal revela que a população inativa está mais representada neste tipo de educação (22,9% para 12,7% da população ativa), sobretudo por via das/dos estudantes (97,8%). De notar que um quinto das/dos desempregadas/os (20,6%) desenvolveu em 2011 alguma atividade de educação formal.

O nível de participação em educação não formal por parte da população ativa é mais do dobro (46,1%) do observado na população inativa (20,2%). No primeiro grupo destaca-se metade da população empregada (50,7%) e no segundo cerca de três quintos (57,6%) da população estudante.

Participação em atividades de aprendizagem ao longo da vida aumentou 17,9 p.p. entre 2007 e 2011

A participação em atividades de aprendizagem ao longo da vida da população com idade entre 18 e 64 anos² passou de 30,9% para 48,8% no período 2007-2011. Este aumento, embora visível em todos os escalões de idade, foi particularmente notório no grupo dos 35 aos 44 anos, que passou de 28,5% em 2007 para 52,2% em 2011.

A participação em atividades de educação formal e não formal aumentou em todos os grupos etários naquele período, sobretudo na população mais jovem, dos 18 aos 24 anos (11,0 p.p. na educação formal e 26,8 p.p. na educação não formal), mas também na população com idade entre 35 e 44 anos (6,4 p.p. e 21,7 p.p., respetivamente).

QUADRO 2

PARTICIPAÇÃO EM APRENDIZAGEM AO LONGO DA VIDA, EDUCAÇÃO FORMAL E NÃO FORMAL DA POPULAÇÃO COM IDADE ENTRE 18 E 64 ANOS, POR ESCALÃO ETÁRIO, 2007-2011 (%)

	Aprendizagem ao longo da vida (educação formal ou não formal)		Educação formal		Educação não formal	
	2007	2011	2007	2011	2007	2011
TOTAL (18-64 anos)	30,9	48,8	12,0	16,6	23,1	41,5
18-24 anos	60,8	79,3	49,1	60,1	27,4	54,2
25-34 anos	40,2	59,8	13,8	17,7	31,8	52,9
35-44 anos	28,5	52,2	6,4	12,8	24,7	46,4
45-54 anos	22,0	41,4	3,1	8,0	20,0	37,1
55-64 anos	10,8	22,0	1,2	3,0	10,1	20,2

A educação não formal foi a componente que mais contribuiu para o aumento da participação em aprendizagem ao longo da vida no total do país, com um acréscimo de 18,4 p.p. nos quatro anos referidos.

Todas as regiões registaram um aumento na participação em educação e formação no período 2007-2011, qualquer que seja o tipo de atividade de educação e formação considerada. Destaca-se a Região Autónoma da Madeira com um aumento superior à média nacional na participação em aprendizagem ao longo da vida, de 24,3 p.p., devido sobretudo ao aumento na participação em atividades de educação não formal (26,1 p.p.).

² Âmbito etário passível de comparação entre os dois períodos de inquirição (2007 e 2011).

Participação em Educação Formal – Caracterização

Para a maioria dos 1,1 milhões de pessoas que participaram em educação formal (15,4% da população dos 18 aos 69 anos) a atividade foi desenvolvida no ensino superior (44,4%), seguindo-se o ensino secundário/pós-secundário (37,1%). Os programas gerais (26,9%), as ciências sociais, comércio e direito (22,0%), a engenharia, indústrias transformadoras e construção (13,1%) e a saúde e proteção social (12,7%) constituíram as áreas de educação preferenciais. Para 94,5% a atividade foi realizada através de ensino presencial, em sala de aula.

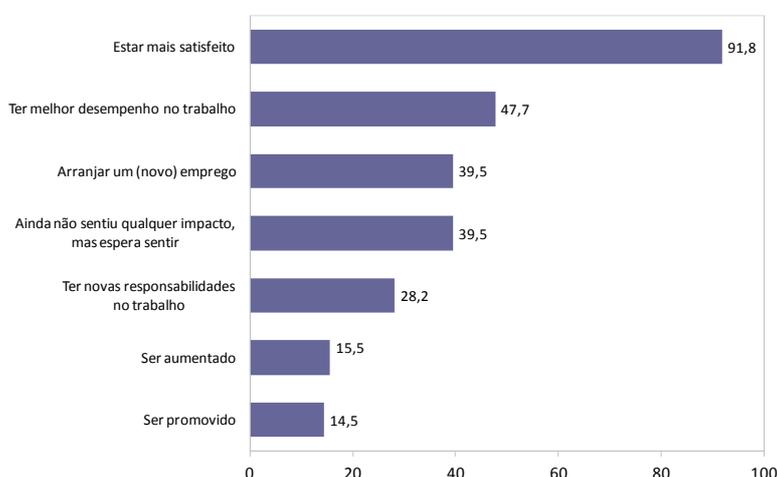
A quase totalidade das pessoas que participaram em educação formal (90,0%) está satisfeita com a atividade desenvolvida; 70,5% usaram ou esperam usar as competências/conhecimentos adquiridos muitas vezes e 17,3% algumas vezes.

Certificação, aquisição de conhecimentos e razões profissionais explicam a participação em educação formal

A obtenção de um certificado/diploma (95,9%), a aquisição de conhecimentos/competências úteis para o dia-a-dia (90,7%), o desenvolvimento de conhecimentos/competências numa temática de interesse (87,5%), aumentar a possibilidade de conseguir um emprego ou de mudar de emprego (77,1%) e fazer melhor o seu trabalho e/ou melhorar as perspetivas de carreira (74,7%) estão entre as principais razões apontadas pelas pessoas para terem participado em educação formal.

Em termos de impactos sentidos decorrentes da participação em atividade de educação formal, 91,8% referem estar genericamente mais satisfeitos. Cerca de metade (47,7%) mencionam impactos ao nível de um melhor desempenho no trabalho, 39,5% referem que a atividade teve como impacto arranjar um (novo) emprego e 28,2% novas responsabilidades no trabalho. Há, porém, 39,5% que não sentiram ainda qualquer impacto, mas esperam sentir no futuro.

GRÁFICO 4
IMPACTOS DA PARTICIPAÇÃO EM EDUCAÇÃO FORMAL (%)



Para 39,1% das pessoas que participaram em educação formal as despesas em propinas, matrículas, exames, livros e material de estudo associadas à atividade foram totalmente pagas por si, enquanto 8,6% partilharam as despesas. Mais de metade (52,3%) referiu não ter pago nada. Estes, assim como os que partilharam a despesa na atividade de educação formal, foram questionados acerca de quem suportou esse custo. O Instituto de Emprego e de Formação Profissional (35,1%), um familiar ou membro do agregado (28,3%) e outras instituições públicas (19,2%) foram as hipóteses mais referidas.

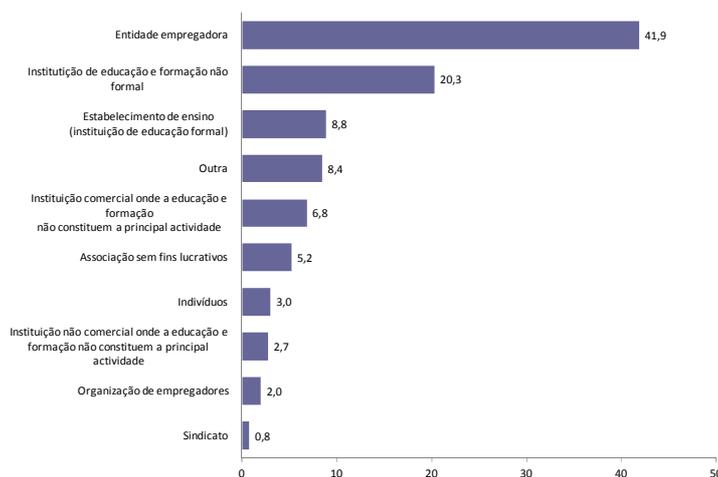
A despesa média por participante em educação formal foi de 836 euros. Em 2011 cada participante despendeu, em média, 592 horas naquele tipo de atividades.

PARTICIPAÇÃO EM EDUCAÇÃO NÃO FORMAL – CARACTERIZAÇÃO

Dos 2,8 milhões de participantes em educação não formal (39,2% da população residente com idade entre 18 e 69 anos), 27,1% realizaram cursos, 12,0% formação ou instrução acompanhada no local de trabalho³, 10,6% *workshops* ou seminários e 3,4% aulas privadas ou particulares. Estas atividades foram realizadas essencialmente em contexto de sala de aula (95,5%), na presença de um professor ou monitor. O número médio de horas gastas em atividades de educação não formal⁴ por participante foi de 57 horas. A entidade empregadora foi a principal instituição que preparou ou facultou as atividades de educação não formal (41,9%).

GRÁFICO 5

ENTIDADE QUE PREPAROU OU FACULTOU AS ATIVIDADES DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL (%)



As áreas dos serviços (24,2%) e das ciências sociais, comércio e direito (23,7%) foram as mais procuradas por quem participou em atividades de educação não formal. Seguem-se as ciências, matemática e informática (12,5%), saúde e proteção social (11,8%), artes e humanidades (10,1%) e engenharia, indústrias transformadoras e construção (9,7%).

³ *Guided on the job training.*

⁴ São consideradas as horas despendidas em aulas privadas, cursos e workshops (não inclui as atividades de acompanhamento em contexto profissional).

Atividades de educação não formal sobretudo relacionadas com a atividade profissional e custos suportados maioritariamente pela entidade empregadora

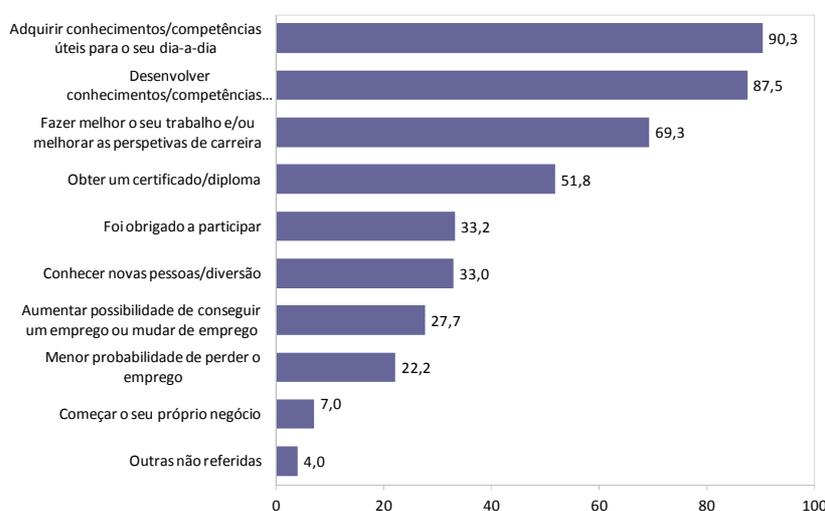
Três quartos (75,5%) da população que participou em educação não formal referiram que pelo menos uma das atividades desenvolvidas se relacionava com o trabalho, decorrendo sobretudo em horário de trabalho (61,8%) e tendo sido paga na íntegra ou parcialmente pela entidade empregadora (64,3%). Nos casos em que as despesas associadas à participação em educação não formal foram suportadas pelo próprio ou por algum familiar, o custo médio apurado por cada participante em educação não formal em mensalidades matrículas, exames, livros e meios técnicos de estudo foi de 117 euros.

Mais de metade (58,9%) das atividades de educação não formal realizadas conferiram certificado ou diploma de aproveitamento, sendo que esse certificado era exigido (por lei ou pelo empregador) para a atual ou futura atividade laboral para 39,3% daqueles.

Razões da aprendizagem não formal: desenvolver conhecimentos e competências úteis em contexto profissional e pessoal

Adquirir conhecimentos e competências úteis para o dia-a-dia (90,3%), desenvolver conhecimentos e competências numa temática de interesse (87,5%) e fazer melhor o seu trabalho ou melhorar as perspetivas de carreira (69,3%) foram as principais razões referidas para a participação em educação não formal. A obtenção de um certificado ou diploma foi referida por 51,8% e 33,2% foram obrigados a participar. Apenas 7,0% das pessoas que participaram em atividades de educação não formal o fizeram para começar o seu próprio negócio.

GRÁFICO 6
RAZÕES DA PARTICIPAÇÃO EM EDUCAÇÃO NÃO FORMAL (%)



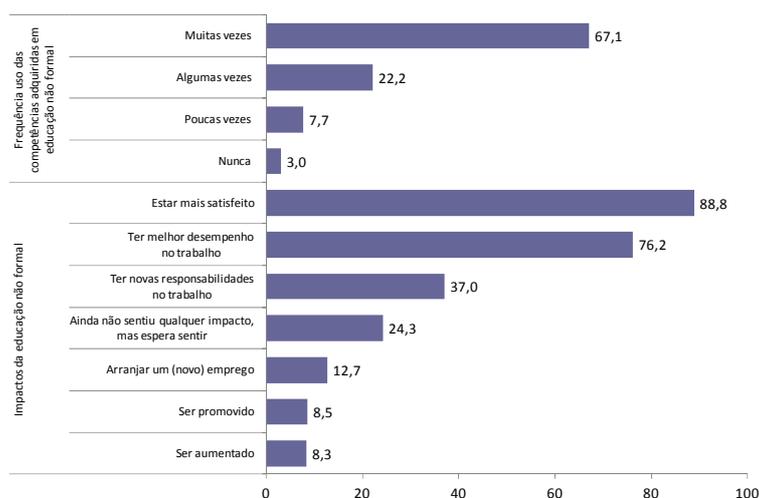
Participantes em educação não formal globalmente satisfeitos

A quase totalidade da população que participou em atividades de educação não formal (97,1%) está globalmente satisfeita com as atividades em que participou; 67,1% esperam usar as competências adquiridas muitas vezes.

Os impactos esperados da participação em educação não formal prendem-se sobretudo com a satisfação pessoal (88,8%) e com um melhor desempenho no trabalho (76,2%). Ter novas responsabilidades no trabalho (37,0%), arranjar um (novo) emprego (12,7%), ser promovido (8,5%) e ser aumentado (8,3%) foram outros dos impactos mencionados. De salientar que 24,3% referiram não ter sentido ainda qualquer impacto da participação em educação não formal mas esperam vir a sentir.

GRÁFICO 7

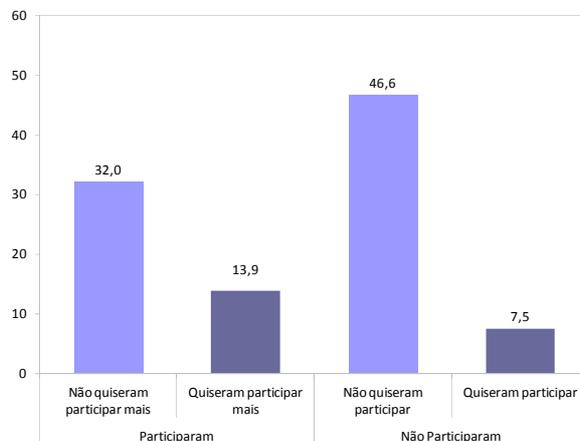
FREQUÊNCIA DE USO DAS COMPETÊNCIAS ADQUIRIDAS E IMPACTOS DA PARTICIPAÇÃO EM EDUCAÇÃO NÃO FORMAL (%)



OBSTÁCULOS À PARTICIPAÇÃO EM EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO

Mais de 3,8 milhões de pessoas (54,1% da população com idade entre 18 e 69 anos) não participaram em qualquer atividade de educação e formação (educação formal ou não formal), das quais 46,6% referiram que não quiseram participar. Dos 3,3 milhões de pessoas que participaram em atividades de educação ou formação (45,9% da população) 32,0% *não quiseram participar* mais em educação ou formação, mas 13,9% referiram que o queriam ter feito.

GRÁFICO 8
POPULAÇÃO FACE À PARTICIPAÇÃO EM ATIVIDADES DE EDUCAÇÃO OU FORMAÇÃO (%)

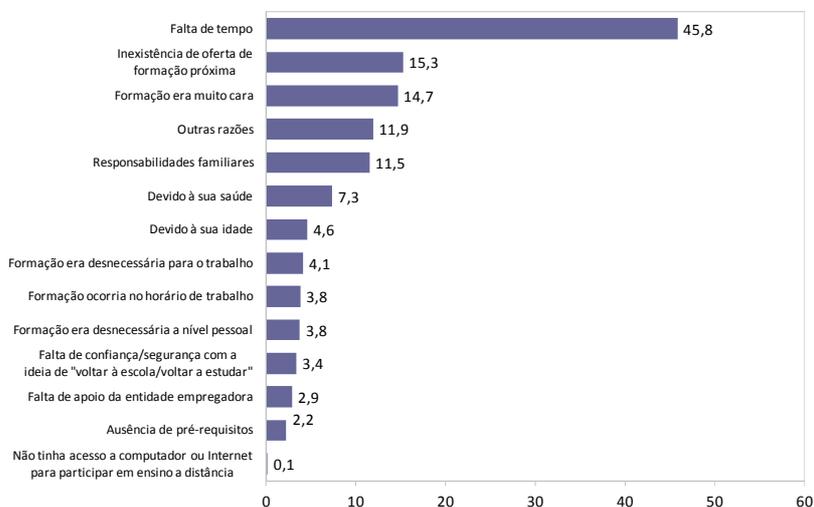


Falta de tempo é um dos principais obstáculos à aprendizagem

As principais barreiras à aprendizagem foram um dos aspetos analisados no IEFA. Independentemente do seu posicionamento face à participação em educação e formação, todas as pessoas foram questionadas sobre a existência de alguma razão (ou razões) para não terem participado ou não terem participado mais em educação e formação.

A maioria (60,9%) afirmou não haver qualquer razão. Para quem respondeu afirmativamente, a falta de tempo foi a razão mais apontada (45,8%), seguida da inexistência de oferta de formação próxima (15,3%). As razões financeiras – formação era muito cara – foram referidas por 14,7% e as responsabilidades familiares por 11,5%.

GRÁFICO 9
RAZÕES PARA NÃO TER PARTICIPADO/NÃO TER PARTICIPADO MAIS EM ATIVIDADES DE EDUCAÇÃO OU FORMAÇÃO (%)



A POPULAÇÃO PORTUGUESA E A APRENDIZAGEM INFORMAL

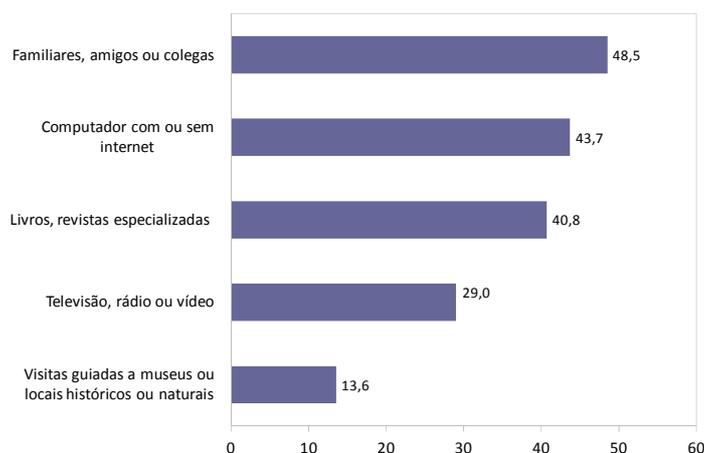
Cerca de dois terços da população com idade entre 18 e 69 anos (66,9%) desenvolveu em 2011 algum tipo de aprendizagem informal. Esta refere-se à aprendizagem intencional decorrente de atividades da vida quotidiana, relacionadas com interesses pessoais ou profissionais, com a vida familiar, social ou com o lazer, normalmente desenvolvidas pelas pessoas numa lógica de autoaprendizagem.

Redes familiares e de amigos foram o meio de aprendizagem informal mais utilizado

Aprender através de familiares, amigos ou colegas (48,5%), com o apoio do computador (com ou sem Internet) (43,7%) e com recurso a livros e revistas especializadas (40,8%), constituem os meios de aprendizagem informal mais utilizados pela população.

GRÁFICO 10

PARTICIPAÇÃO EM ATIVIDADES DE APRENDIZAGEM INFORMAL, POR MEIOS DE APRENDIZAGEM (%)



Aprendizagem informal é a mais transversal em termos sociodemográficos

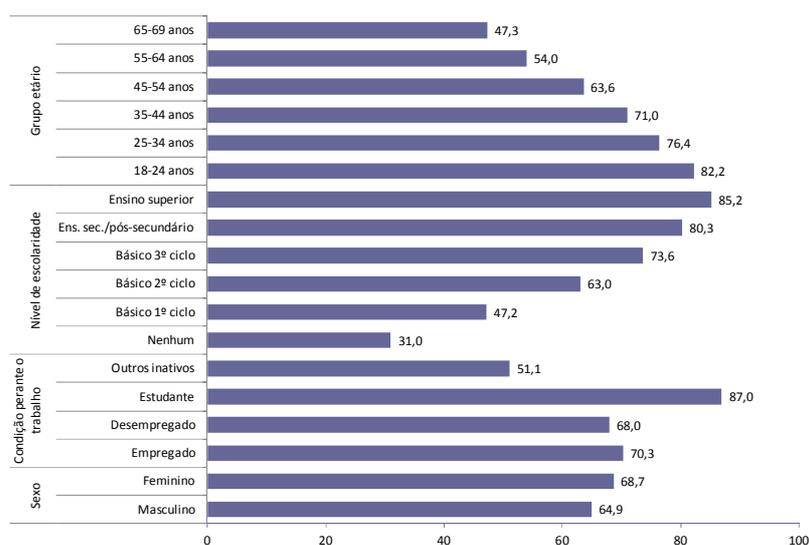
A população mais jovem, assim como a que tem escolaridade mais elevada, apresenta níveis de participação em aprendizagem informal superiores à média. Porém, este é o tipo de aprendizagem mais transversal aos diferentes perfis sociodemográficos da população residente:

- A proporção de participantes em aprendizagem informal é de 82,2% para as/os jovens dos 18 aos 24 anos, diminuindo progressivamente à medida que aumenta a idade. Contudo, abrange 54,0% da população com idade entre 55 e 64 anos e 47,3% da população do grupo etário 65-69 anos;
- Mais de quatro quintos da população com ensino secundário/pós secundário (80,3%) e com ensino superior (85,2%) participaram em aprendizagem informal, mas cerca de um terço (31,0%) de quem não tem qualquer nível de escolaridade completo também o fez;

- Estudantes (87,0%), população empregada (70,3%) e desempregada (68,0%) têm níveis de participação em aprendizagem informal superiores à média, o que compara com 51,1% da população na categoria *outros inativos*;
- A proporção de mulheres que participou em aprendizagem informal foi superior à dos homens: 68,7% e 64,9%, respetivamente.

GRÁFICO 11

PARTICIPAÇÃO EM ATIVIDADES DE APRENDIZAGEM INFORMAL, POR GRUPO ETÁRIO, NÍVEL DE ESCOLARIDADE, CONDIÇÃO PERANTE O TRABALHO E SEXO (%)



A proporção de participantes em aprendizagem informal para a população do âmbito etário 18-64 anos passou de 40,8% para 68,5% entre 2007 e 2011. Os maiores aumentos observaram-se na Região Autónoma da Madeira, de 23,4% para 67,1%, no Centro, de 36,2% para 75,1%, e na Região Autónoma dos Açores, de 13,0% para 49,3%.

CONHECIMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

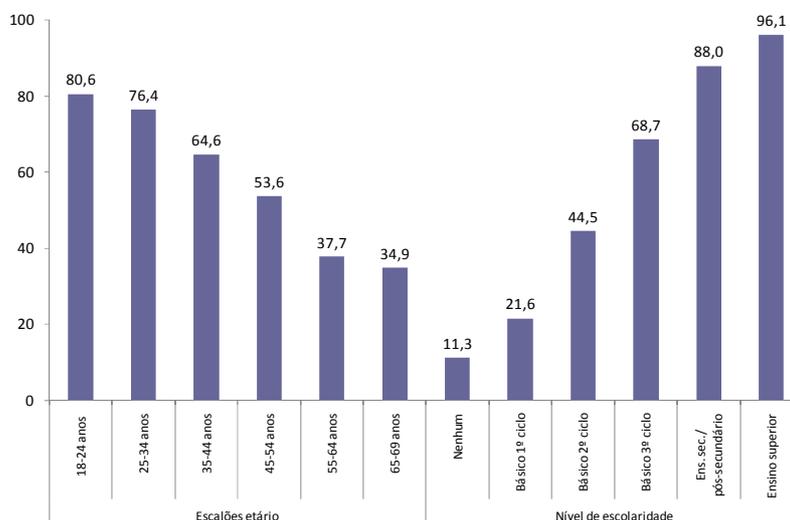
Cerca de três quintos (59,3%) da população com idade entre 18 e 69 anos afirmou conhecer outra língua para além da materna. Da comparação com os valores apurados em 2007 para o âmbito etário 18-64 anos, resulta um aumento de 9,3 p.p. – passou de 52,0% em 2007 para 61,3% em 2011.

Observa-se uma ligeira diferença entre mulheres e homens nesta matéria, sendo que 58,0% das mulheres e 60,7% dos homens conhecem outra língua para além da materna.

O conhecimento de línguas estrangeiras é mais elevado nos escalões etários mais jovens e entre os indivíduos mais escolarizados, diminuindo consistentemente à medida que se avança na idade e aumentando na razão direta do nível de escolaridade.

GRÁFICO 12

CONHECIMENTO DE OUTRA LÍNGUA PARA ALÉM DA MATERNA, POR GRUPO ETÁRIO E NÍVEL DE ESCOLARIDADE (%)



Em termos de condição perante o trabalho, verifica-se que 63,8% da população ativa conhece outra língua para além da materna, face a 47,1% da população inativa; nesta categoria, são naturalmente as/os estudantes quem apresenta maior conhecimento de línguas estrangeiras (90,7%). As línguas mais conhecidas são o inglês, o francês e o castelhano.

NOTA METODOLÓGICA (SÍNTESE)

O Inquérito à Educação e Formação de Adultos é um inquérito comunitário realizado pelo Instituto Nacional de Estatística sob as recomendações metodológicas do Eurostat. Tem como objetivo principal a análise da participação dos adultos em educação e formação. É considerada a participação em qualquer tipo de atividade de aprendizagem, incluindo atividades de educação formal e não formal, bem como atividades de aprendizagem informal, nos 12 meses prévios à entrevista. Na operação de 2011 foi inquirida a população residente com idade entre 18 e 69 anos que vive em alojamentos familiares de residência principal.

O inquérito decorreu no período de Outubro de 2011 a Fevereiro de 2012. É um inquérito amostral, cuja informação foi recolhida diretamente nas unidades de observação – pessoas – através de um questionário registado em computador – Entrevista Presencial Assistida por Computador (CAPI).

O âmbito geográfico do inquérito refere-se a NUTS II (Continente, Regiões Autónomas do Açores e da Madeira). A amostra foi dimensionada a nível nacional. As estimativas foram obtidas através de uma amostra de 11 845 unidades de alojamento, a que corresponderam 14 189 pessoas com entrevista conseguida no âmbito etário de referência.

Principais conceitos:

Aprendizagem formal: educação ou formação ministradas em instituições de educação ou formação, em que a aprendizagem é organizada, avaliada e certificada sob a responsabilidade de profissionais qualificados. Constitui uma sucessão hierárquica de educação ou formação, na qual a conclusão de um dado nível permite a progressão para níveis superiores.

Aprendizagem não formal: formação que decorre normalmente em estruturas institucionais, devendo conferir um certificado de frequência de curso. Esta certificação não é, normalmente reconhecida, pelas autoridades nacionais, não permitindo a progressão na sucessão hierárquica de níveis de educação e formação.

Aprendizagem informal: formação que decorre das atividades da vida quotidiana relacionadas com o trabalho, a família, a vida social ou o lazer. Normalmente, tem lugar fora de estruturas institucionais, decorrendo num ambiente de aprendizagem que o aprendente (ou outra pessoa) pode organizar e estruturar livremente. Não confere certificação, embora as competências adquiridas por esta via possam vir a ser submetidas a processo de validação e certificação.